

JANEIRO - FEVEREIRO DE 1945

REVISTA

ANO VI — N.º 27

ADVENTISTA

«ATÉ QUE TODOS CHEGUEMOS À UNIDADE DA FÉ,
AO CONHECIMENTO DO FILHO DE DEUS» (Aos Efésios 4:13)



Esclarecendo . . .

•
A um extremista

Por E. G. WHITE

•
**Uma Procissão Pagã
no Século II**

Por ERNESTO FERREIRA

•
Os Judeus e as Profecias

Por ROY F. COTTRELL

•
Para onde vão os mortos?

Por JOHN L. SHULER

•
¿ Deus ou Matéria ?

Por A. DIAS GOMES

•
O Baptismo Cristão

Por FRANCIS A. SOPER

•
**Os diversos cultos
da Igreja Católica**

Pelo CARDIAL GOUSSET

==== 2\$50 ====

ESCLARECENDO

Disse o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, na sua alocução no dia do Natal:

«Não faltará quem, diante dêste doloroso espectáculo do mundo chamado cristão a arder no fogo por êle mesmo ateado, como na famosa peça *A Fogueira*, de Stindbergn, a família que arde com a própria casa — não faltará quem seja tentado a ver aqui a *falência do Cristianismo*. Êste aparecerá a muitas consciências como aquêlê vago perfume de um frasco partido de que falava certo escritor: tinha perdido a essência activa. Contra tal conceito importa desde já opor esta rotunda verdade: — que a guerra nasceu da voluntária obliteração dos ensinamentos cristãos.»

Pois a falência do Cristianismo anda muito no ar que respiramos e temos de confessar que alguma razão haverá para sentimento tão geral. As religiões cristãs vulgares estão muito longe da Religião de Jesus. Esta era baseada em simples verdades; aquelas apresentam catecismos carregados de doutrinas tão indigestas que precisam de cérebros doutorais para serem percebidas. Esta era tôda prática: curar os doentes, alimentar famintos, consolar aflitos, ensinar ignorantes; aquelas deixam os doentes a cargo dos hospícios públicos, mandam os ignorantes às escolas do Estado quando não dizem que filhos de lavradores não precisam saber ler. As igrejas cristãs meteram-se dentro de fórmulas doutrinárias, abandonaram a sua acção social benfazeja, afastaram-se das massas necessitadas, deixaram de dar e passaram a pedir quando não podem exigir.

Onde são muito activas é no capítulo da maledicência: falam mal umas das outras; o seu melhor tempo é o que gastam a dizer as coisas mais degradáveis da congregação vizinha que — quem o duvida? — pertence à Babilónia!

Talvez ainda se possa evitar a bancarrota, mas necessita-se, para isso, da boa vontade de todos os que se dizem cristãos. Vejam bem o que fazem dentro da sua igreja; vejam bem se são elementos de paz e concórdia ou elementos de discórdia; vejam bem como falam das outras congregações diferentes da sua e dos seus confrades da mesma igreja; vejam bem qual é a acção social exercida pela sua igreja e neste ponto tenham muita cautela. Sejamos cristãos mais a modo de Jesus.

Não se esqueçam que «o machado está apontado à raiz da árvore e tôda aquela que não der fruto será cortada e lançada no fogo» e, então, ouvir-se-á aquela voz apocalíptica: «É caída, é caída a Grande Babilónia».

Alguns parágrafos de uma notável carta a um extremista

Crystal Springs, Califórnia,
19 de Maio de 1890

Prezado Irmão:

«Porque o Irmão procura ser original e toma vistas tão extremistas e usa uma linguagem tão forte ao apresentá-las, há um verdadeiro perigo e pode fazer muito mal. Algumas pessoas podem apanhar os seus pensamentos a até pode ser que pareça receberem nêles alguns benefícios mas, quando tentadas e vencidas, perderão coragem para lutar o bom combate da fé.

«Leve as pessoas a olhar para Jesus como sua única esperança e auxílio: deixe a Jesus oportunidade de trabalhar sobre as mentes e falar às almas e impressionar a compreensão. Não é essencial saber e dizer aos outros todos os porquês e por-consequintes do que constitui o novo coração ou a posição que podem e devem alcançar de forma a que não pequem mais.

«As pessoas não são tôdas iguais. As conversões não são também as mesmas. Jesus impressiona os corações e os corações e os pecadores nascem para uma nova vida. Muitas vezes, almas têm sido trazidas a Cristo quando não havia violentas convicções, rendição de alma nem terrores cheios de remorsos. Olhavam para um Salvador erguido na cruz e viviam. Viam as necessidades da sua alma, viam a suficiência do Salvador, as Suas reclamações e ouviam a Sua voz dizer: «Segue-me», levantaram-se e seguiram-no. Esta espécie de conversão é genuína e a vida religiosa foi tão decidida como a daqueles que sofreram tôdas as agonias de um violento processo.

«Os nossos ministros têm de perder o costume de se fixar em idéias peculiares com o sentimento seguinte: «Tendes de ver êste ponto como eu o vejo ou não vos salvareis». Fora com esta espécie de egoísmo! O grande trabalho, em cada caso, é salvar almas para Cristo. Os homens devem ver Jesus na cruz, olhar para Êle e viver».

«Sejam quais forem as necessidades de modelagem e forma que seja necessário operar nas almas, Cristo poderá remediá-las melhor do que ninguém. A convicção pode não ser profunda mas o pecador vem a Cristo, O contempla na cruz, vendo morrer o Justo pelos injustos, esta visão deitará abaixo tôdas as barreiras. Cristo empreenderá o trabalho de

(Continua na página 10)

REVISTA ADVENTISTA

PUBLICAÇÃO PIMESTRAL

Director: **A. Dias Gomes**
Redactor: **Ernesto Ferreira**
Administrador: **A. F. Raposo**

Redacção e Administração
Rua Joaquim Bonifácio, 17

Composto e impresso na IMPRENSA LUCAS & Ca. — Rua do Diário de Notícias, 61, LISBOA

Orgão exclusivamente religioso
e de informação da União
Portuguesa das Igrejas
Adventistas do Sétimo Dia

	Cont. e Ilhas	Colónias
Número avulso	2\$50	3\$00
Assinatura anual	12\$00	15\$00

Uma Procissão Pagã no Século II

Por ERNESTO FERREIRA

Lembro-me bem daquela festa de S. Pedro que, nos dias da minha meninice, se realizava, e com certeza ainda se realiza, na linda praia de mar que é a minha terra natal.

Já lá vão tantos anos... Mas ainda me lembro perfeitamente. Sobretudo a procissão, à tarde, com a bênção do mar, nunca mais esquecerá.

A frente, em duas filas, vestidos de branco, os «anjinhos», no meio dos quais duas gráceis crianças espalhando, pelo chão perfumadas pétalas de rosas.

Logo a seguir, ainda em duas filas, os membros das confrarias. «Não esquecessem que a vela acesa se levava na mão de dentro...»

De vez em quando, ordens rápidas dos mordomos.

Aqui e além, saracoteando-se aos ombros de quatro devotos, um santo de côres berrantes, sôbre o respectivo andor.

Logo em seguida, debaixo do pálio, o senhor prior segurando, diante do peito, com ambas as mãos, alguma coisa com muito cuidado. Devia ser algum objecto sagrado, pela certa...

Atrás, os músicos, que se faziam ouvir nos intervalos dos cânticos, e por fim o povo em compacta multidão.

Ao chegar em frente da praia, parava a procissão. Voltavam-se todos para o Oceano. Os barcos engalanados, com bandeirinhas a tremular. Silêncio profundo, violado apenas pelo discreto cício de rezas. E o senhor prior, todo solene, dava a bênção ao mar.

Voltava a música a tocar, e prosseguia a procissão. Outras ruas, outros tropeções no calcanhar do da frente, e a procissão chegava finalmente à igreja.

Entravam os «anjinhos», os santos, o senhor prior, o povo. Mais apêrto do que nunca.

Finalmente, tudo pôsto nos seus lugares, rezavam-se mais umas orações e era despedido o povo, que começava a sair e a dispersar-se...

Poéticos usos da nossa linda terra de Portugal! Veneráveis tradições que já lá vêem de vetustas eras, seguidas de há longos séculos pelos nossos antepassados — pelos ousados descobridores de novos mundos; e, mais atrás, pelos devotos pagãos que disseminaram, através

do país, tôscos monumentos ao venerado Endovélico; por êsses romanos que, como o exército, a língua e as moedas, para cá trouxeram os seus deuses.

Procissões como esta já realizavam, com poucas variantes, nossos antepassados pagãos. O romano Apuleio, escritor pagão que viveu no século II, na sua obra intitulada *Metamorphoseon libri XI*, descreve (no livro XI) uma procissão em honra da deusa Ísis, realizada em Cencreia, perto de Corinto. (A quem estranhe a realização de uma procissão à divindade egípcia Ísis, na Grécia, falaríamos, se tivéssemos espaço, do sincretismo religioso...).

Queira o leitor assistir a essa procissão pagã no século II. Tem a palavra o célebre Apuleio.

A frente da procissão, mulheres «*espalhavam de seu seio flores no chão pelo caminho por onde marchava o sagrado acompanhamento*».

Logo após, «grande número de pessoas de ambos os sexos, com lanternas, fachos, *velas de cera* e outros gêneros de tochas».

«Depois *suaves sinfonias* ressoavam com doces modulações de gaitas e flautas» (a música do tempo).

«Seguia-se um agradável *côro* da mais escolhida mocidade, vistoso pelos seus níveos e preciosos vestidos, *cantando*...».

«Iam também muitos que *clamavam que se desse passagem livre à procissão*».

Iam depois os iniciados nos sagrados mistérios, homens consagrados ao culto, «com o *cabelo totalmente rapado* e o alto da cabeça sumamente luzidio».

«Os sacerdotes dos sagrados ritos, aquêles ilustres cidadãos, vestidos de toga de cândido linho, apertado no peito e pendendo até aos pés, *conduziam os insignes despojos (símbolos ou emblemas) dos potentíssimos deuses*.» Um dêles «levava a cêsta (*sacrarium*) que continha as coisas sagradas, e ocultava inteiramente os arcanos da magnífica religião».

Lejava outro «a veneranda *efígie de sua suprema divindade*... Era formada dêste modo: *uma pequena urna de fúlgido ouro*, perfeitamente escavada, de fundo muito redondo, e escapida exteriormente de admiráveis jeroglíficos egípcios».

Atrás seguia a multidão. Diz o

autor: «Eu, depois, marchando, misturei-me com a *multidão* religiosa e acompanhei o *sacrário* (de que acima se fala, e que continha as coisas sagradas)».

A procissão passa pela praia. «Entre estas coisas e o tumulto dos festivos votos, caminhando vagorosamente, chegámos à praia do mar... Aí, dispostas, segundo o rito, as imagens dos deuses, o sumo sacerdote, *proferindo de sua casta bôca soleníssimas preces, dedicou e consagrou à deusa um navio artificialmente construído*».

Da praia segue a procissão para o templo. «Os que conduziam as coisas sagradas, tomando segunda vez o que cada um tinha trazido, *voltaram alegres para o templo*, com o mesmo decente rito da pompa antecedente».

«E quando chegámos ao templo, o sumo sacerdote, e os que levavam a efígies divinas, e aquêles que, anteriormente iniciados nos venerandos penetrais, tinham sido recebidos no santuário da deusa, *depõem em ordem conveniente as imagens*, que parece respirarem. Então um dêles, que todos chamam secretário, estando em pé diante das portas... dali, numa alta cadeira, exprimiui de um livro e suas letras, faustos votos: pelo grande príncipe, pelo senado, pela ordem eqüestre e por todo o povo romano; pelos náuticos, pelos navios e por tudo que é governado debaixo do império dêste nosso mundo; e pronunciou ao modo grego e nesta língua o seguinte. (Textualmente: *Ite, missa est*. Haverá algum leitor que não tenha ouvido já estas palavras? Estou em crer, porém, que não devia ter sido em nenhum templo de Ísis...).

«Depois os populares banhados de alegria, levando ramos de oliveira, verbena e coroas, *tendo beijado os pés da deusa*, que, feita de prata, estava colocada sôbre os degraus, retiram-se para as suas casas».

Após esta descrição de Apuleio, já sabe o leitor, ao certo, qual a origem próxima das procissões?

Mas, perguntará alguém, não falará a Bíblia em procissões? — Sim, há uma passagem bíblica que se refere às procissões.

Com efeito, lemos em Isaías 45,20 (trad. de Almeida): «Nada sabem os que conduzem em procissão as suas imagens, feitas de madeira!»

OS JUDEUS E AS PRO

Conta-se que certa ocasião o rei Frederico da Prússia mandou chamar um dos seus clérigos mais eminentes. «Diga-me», perguntou, «qual é a maior evidência da inspiração da Bíblia?»

Sem hesitação o prégador replicou: «Os Judeus, Majestade! Os Judeus!»

Há mais de três milénios Deus deu dois notáveis esboços proféticos delineando o futuro da raça hebraica e, nos seguintes parágrafos, alguns extractos dessa predição são apresentados em português moderno, vertido da tradução inglesa de Smith e Goodspeed.

Foi dito de Israel: «Deus te colocará muito acima de todas as nações da Terra,» e «dar-te-á abundante prosperidade.» *Deuterónimo 28:1,11.* Sob condição de obediência, tal deveria ser a sua gloriosa herança; e durante os prósperos reinados de David e Salomão, foi-lhes dada uma prova da grandeza que devia pertencer-lhes.

Quando, com escarnecedora ironia, alguém lembrou a Lord Beaconsfield de Inglaterra a sua ascendência hebraica, dizem que foi esta a sua resposta: «Sim, sou Judeu, e quando os antepassados de V. Ex.ª eram estúpidos selvagens de qual-

quer ilha desconhecida, os meus eram sacerdotes no templo de Salomão.»

«O Senhor te porá por cabeça e não por cauda.» (vers.13). Por assim dizer em cada campo de actividade, os talentos superiores deste povo são reconhecidos; quando apanhados por sérios momentos de dificuldade e acima de toda a proporção ao seu número actual, alcançam rapidamente a distinção.

Isto admitem-no mesmo os seus inimigos. O prisioneiro José tornou-se primeiro ministro do Egipto; o exilado Daniel ascendeu ao mesmo cargo em Babilónia, e já velho ocupou posição equivalente na Medo-Pérsia. Nos dias do grande Xerxes da Pérsia, Mardoqueu, um judeu, era o conselheiro mor do reino.

Através da História antiga e moderna, em ambos os casos desta raça têm dado a mais conspícua contribuição

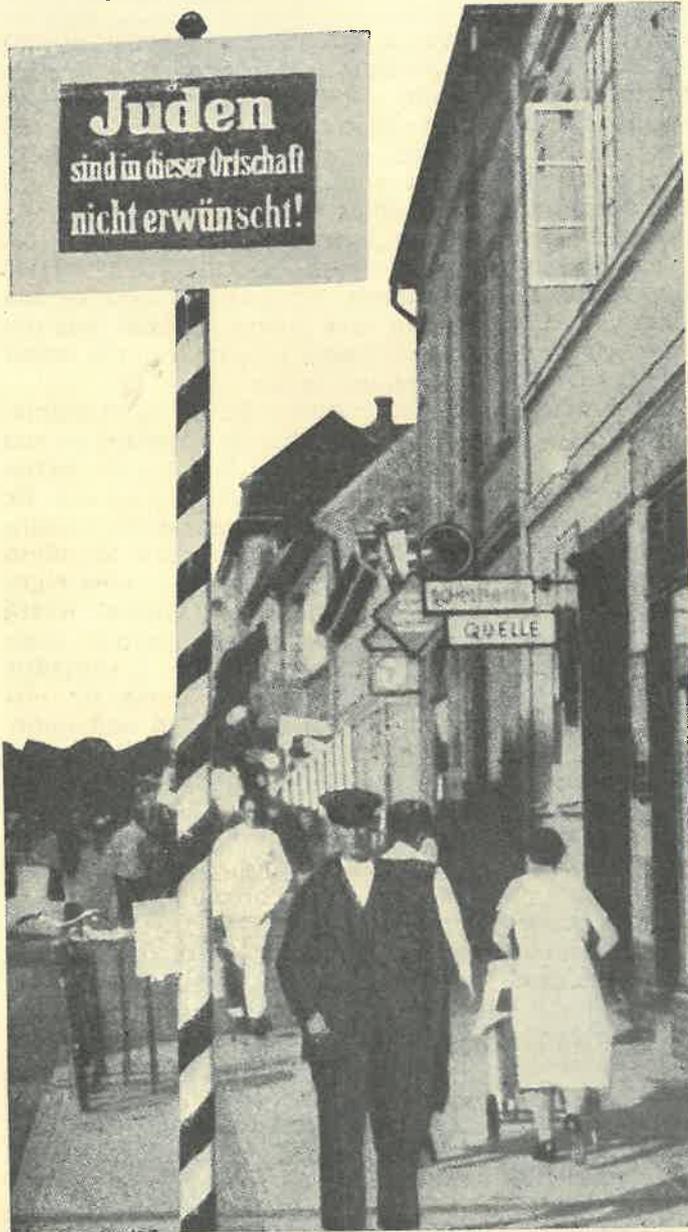
A história trágica predita pelos Pro

Por ROY

no cargo de homens de estado e na condução de nações, e a revista *Who's Who* apresenta da América, Inglaterra, França, Itália, Alemanha, Rússia e outras nações, uma extensa lista de judeus que têm servido com rara habilidade em altos cargos.

Considerai também os «famosos músicos de uma raça maravilhosa» — Mendelsshon, Bach, Schubert, Schumann, Rubinstein, e bastantes outros. Considerai ainda cientistas tais como William Herschel, Albert Einstein, e os médicos judeus que desenvolveram o uso da insulina, digitalis, cocaína, salvarsan, a reacção de Wassermann, o soro contra a meningite, juntamente com outros que descobriram as substâncias chamadas «vitaminas», a causa e cura da pelagra, e muitas outras coisas que têm revolucionado a medicina moderna. Dos quarenta alemães a quem foi concedido o Prémio Nobel, 12, ou seja 30 %, são judeus. Não poderíamos também omitir a sua contribuição suprema — a dada ao mundo das Santas Escrituras, que constituem a pedra angular do Cristianismo e da civilização.

«Emprestarás a muita gente, porém tu não tomarás emprestado.» (vers. 12.) Aqui está predito o raro talento financeiro da semente de Abraão. Em numerosos países durante a Idade Média, os Cristãos eram proibidos pelas leis conónicas de emprestar dinheiro por interesse. Tomando vantagem deste facto, os judeus tornaram-se gradualmente os penhoristas e banqueiros da Europa. Foi o ouro judeu que financiou a esquadra de Colombo e o enviou na viagem em que descobriu a América. Foi o ouro judeu dos Rothschilds de Inglaterra que levou Napoleão à derrota em Waterloo. Foi também o ouro dos Salomões, Levis e outros mercadores judeus de Nova York e Filadélfia que manteve o exército colonial de Washington nos dias negros da Guerra da Independência.



A luta contra os Judeus tem sido tão violenta em todas as idades que já teriam desaparecido se não houvesse mão misteriosa a protegê-los

FECIAS

um povo exilado
das antiguidade

COTTRELL



Desapareceram Egípcios, Babilônicos, Assírios, Romanos, Gregos, etc.,
existem os Judeus : facto único na História

Na América, o povo «eleito» controla os negócios de lãs e algodões, o teatro, a indústria cinematográfica, e participa em numerosas outras actividades.

«Será porém que, se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, para cuidares em executar todos os Seus mandamentos... o Senhor mandará sôbre ti... angústia e turbacão em tudo o que a tua mão empreender.» (vers. 15-20). Que outro povo terá sofrido tanto e tão continuamente às mãos dos seus opressores — os Egípcios, Babilônios, Gregos, Persas, Romanos, Maometanos, Espanhóis, Russos, Alemães e tantos outros? Que dificuldades e sofrimentos acompanharam os seus esforços para reconstruir Jerusalém nos dias de Esdras e de Nehemias! Considerai também os desaires e insucessos sem conta durante a Era Cristã que têm obstruído os seus planos para uma Palestina restaurada?! E, quem pode prever o futuro do perseguido movimento Sionista de hoje?

«E os céus sôbre a tua cabeça serão de bronze; e a terra que está debaixo de ti será ferro.» (vers 23.) Como exemplo, pensai no Espaço Judaico na Rússia, onde por séculos um terço da população mundial de judeus foram virtualmente prisioneiros em esqualidos *ghettos*. Perseguidos e empobrecidos, tendo a maior parte sido privada por lei de todos os privilégios educacionais, moviam-se como gado ao capricho do govêrno, e foram por vezes vítimas de terrorismo e violência. O bronze do céu e o ferro da terra penetraram bem no mais íntimo das suas almas.

«Um exemplo aterrador, ...oprimido e roubado todos os dias, sem haver quem te salve, ...até que fiques aterrado pelo que os teus olhos verão.» (vers. 25 34.) Depois de terem sido despojados da sua querida metrópole, Jerusalém, o Imperador Adriano proibiu qualquer

judeu de ali pôr o pé. Muitos encontraram asilo na Pérsia, onde mais uma vez foram espoliados e saqueados. Milhares foram exilados para Espanha, para virem a ser dizimados pelos horrores da Inquisição e por fim pelo decreto de expulsão de 1492. Durante algum tempo os Judeus da Alemanha atingiram um grau de segurança e prosperidade, quando súbitamente uns dois milhões dêste infeliz povo se tornou «um exemplo aterrador» do ódio e brutalidade Nazi. Não admira que os seus parentes e amigos por todo o mundo ficassem «aterrados pelo que viram».

«E serás por pasmo, por ditado e por fábula entre os povos.» (vers. 37.) A propaganda anti-semita é quasi tão velha como os próprios israelitas; e hoje não é de maneira nenhuma limitada ao Reich Alemão. Apresentam-nos com maneiras repulsivas para a sociedade distinta, como instigadores de sedições e anarquia, como possuidores de riquezas sem limites que usam para controlar a imprensa, legislação e vida económica das nações; que o Judeu é largamente responsável pelos males do mundo, e que só quando tiver desaparecido encontrará o Globo um lugar aprazível na vida.

Conquanto não haja ninguém que possa sugerir que o Judeu seja isento de faltas, a maioria destas acusações são infundadas, ridículas e malévolas. No entanto êste desventurado povo tem continuado a cumprir a profecia, sendo olhado como «ditado» e «fábula».

«E o senhor levantará contra ti uma nação de longe, da extremida-

de da Terra, ..nação cuja língua não entenderás, nação feroz de rosto... E te angustiará em tôdas as tuas portas..., e comerás o fruto do teu ventre.» vers. 49 53. Sem dúvida esta nação era Roma, também especificada nas profecias de Daniel como «os espoliadores do teu povo». (Dan. 11:44.) Latim, a língua dos romanos, foi sempre considerada como uma língua profana, que nenhum judeu ortodoxo podia tentar aprender ou falar.

Os exércitos de Roma completaram a conquista de Palestina no ano 63 A. C.; mas o «jugo de ferro» (Deut. 28:4.) sôbre o pescoço de Israel parecia insuportável; e quando por fim resolveram sacudi-lo Jerusalém foi saqueada pelos vigorosos guerreiros da Itália. Nessa feroz e desoladora investida, conforme relata o célebre historiador judeu, homens e mulheres de refinada cultura cumpriram outro pormenor da profecia, comendo a carne dos seus próprios filhos. Vêde Flávio Josefo, em *Guerras dos Judeus*, cap. III.

«O Senhor te fará voltar ao Egito em navios, pelo caminho de que te tenho dito: Nunca mais o verás: e ali sereis vendidos como servos e servas aos vossos inimigos, até que não haja quem vos compre.» vers. 68 A seguir à destruição de Jerusalém no ano 70, multidões de cativos judeus foram levados para o Egito e outros países, até o mercado mundial de escravos estar super-abastecido. Quão infalível é a voz da profecia!

«E o Senhor vos espalhará entre todos os povos, desde uma até à outra extremidade da Terra... E

nem ainda entre as mesmas gentes descansará, nem a planta do teu pé terá repouso... E a tua vida como suspensa estará diante de ti. (vers. 64-66.) Contemplai êste espectáculo único e seu paralelo! Não há nenhum país aonde chegue o brilho das estrêlas, no qual êles sejam estranhos; mas por uma série de séculos, tal como foi descrito neste resumo profético, a vida judaica em muitos países tem sido um pesadelo de tragédia.

«As pragas desta Terra, ... e tôda a sua terra abrasada com enxôfre e sal, um deserto improdutivo que ninguém semeará.» (Deuteronomio 29:22,23.) Quando estas palavras foram pronunciadas, a Palestina era uma terra fértil, «terra que manava leite e mel,» mas devido às guerras devastadoras, ignorância e negligência, grande parte do país tornou-se num vasto deserto, e assim continuou até ao século presente.

«Certamente tôdas as nações dirão:» Porque fêz o Senhor assim com esta terra? Qual foi a causa de tal furor e de tamanha ira?» E a resposta será: «Porque deixaram o concôrto que o Senhor, o Deus de seu país, havia feito com êles.» (vers. 24,25). Que lição objectiva para o mundo! — e que testemunho para a inspiração da Bíblia e presciência de Deus!

Mas perguntará alguém: Não é o êxodo moderno dos judeus para a Palestina um prólogo do Milénio e da segunda vinda de Cristo? Não, a vasta maioria dêste povo rejeitou a fé de Abraão, Moisés e Elias, e a sua humana tentativa sionista não está de harmonia com a idéia divina. Considerai o drama do profeta e da botija de barro descrito em Jeremias. Disse-lhe o Senhor:

«Então quebrarás a botija à vista dos homens que forem contigo, e dir-lhes-ás: assim diz o Senhor dos Exércitos: Dêste modo quebrarei eu a êste povo, como se quebra o vaso do oleiro, que não pode mais refazer-se.» (Jerem. 19:10,11.)

Aquêlê que destruiu Jerusalém e dispersou os seus habitantes por causa dos seus pecados, põe de parte para sempre a questão de uma volta e restituição completas à velha Canaan, asseverando que isso não pode ser. Cristo declarou: «Jerusalém será entregue aos Gentios, até que o tempo dos Gentios se complete.» Luc. 21:24.

Mas, há uma bela notícia! Deus tem um programa Sionista que em breve será consumado; e essa restauração inclui tantos mortos como vivos. Disse o Senhor:

«Eis que eu abrirei as vossas se-

PARA ONDE VÃO

É esta uma pergunta sôbre a qual os homens têm meditado durante séculos: Para onde vai o homem quando morre? Depois da morte — que mais? Onde estão os mortos?

Na opinião de algumas pessoas, se alguém morre justo, o seu espírito vai para o céu; mas se morre ímpio, vai para o inferno ardente. Ainda outros dizem que quando o homem morre não vai para o céu nem para o inferno, mas para o purgatório. E outros pretendem que quando o homem morre nem vai para o céu, nem para o inferno ou para o purgatório, mas passa à esfera do mundo dos espíritos, de onde pode enviar mensagens aos seus amigos e parentes que lhe sobreviveram. Outros declaram que quando o homem morre, cessou de existir para sempre.

É evidente que estas respostas não podem ser tôdas correctas. Com efeito, elas estão tôdas erradas.

Ninguém sabe o que está para além da morte, senão Deus. Se nós quisermos saber a verdade acêrca dos mortos, devemos pois volver-nos para o Livro de Deus.

Em Eclesiastes 3:20 temos uma resposta directa sôbre o destino do homem após a morte. Diz o texto: «Todos vão para um lugar. Todos são pó, e todos ao pó tornarão.»

pulturas, e vos farei sair delas, ó povo meu, eu vos trarei à terra de Israel.» «E habitação na terra... e o meu servo David será seu príncipe eternamente.» (Ezequiel 27:12,25).

Esta explícita linguagem, sem lugar para enganar, aponta um ajuntamento que se tornará possível além-túmulo pela ressurreição dos mortos. Neste tempo a «botija» original não será reconstituída; mas de todos os povos, tanto judeus como gentios, Deus está ajuntando um povo e transformando caracteres para estarem prontos para a Sua segunda vinda iminente e pessoal. Os justos mortos acordarão também do seu longo sono, e os remidos de todos os tempos entrarão numa cidade não reconstruída por Salomão, embelezada por Herodes ou desenhada por architectos do século vinte, mas numa cidade «de fundamentos, cujo architecto e construtor é Deus.» Para esta Metrópole o nosso Pai celeste estende a todos alegres boas vindas.

Em tempos eu acreditava que quando uma pessoa morria, ia certamente para um de dois lugares. Se morria obediente a Jesus Cristo ia para o céu; se morria desobediente a Cristo, ia para o inferno. Mas êste texto diz que *todos vão para um lugar*. Esta palavra «todos» envolve qualquer pessoa que já morreu ou que venha a morrer. «*Todos vão para um lugar*».

Onde está êsse *lugar*? O texto indica que êsse lugar é o túmulo, onde tudo volta ao pó. É-nos dito em Salmos 49:14 (vêde a nota marginal), que o túmulo é a habitação de todos os defuntos. Job 30 23,24 declara que o túmulo é a casa destinada a todos os viventes.

Não há nenhum texto na Bíblia, quando lido correctamente em conexão com outras passagens das Escrituras, que indique que as pessoas vão quer para o céu quer para o inferno imediatamente após a morte. As Escrituras declaram repetidamente que os justos irão para o Céu quando Jesus voltar pela segunda vez, e que os ímpios estão reservados no túmulo desde o tempo em que foram sepultados até ao fim dos mil anos descritos em Apocalipse 20, em que se levantarão de novo na segunda ressurreição para serem punidôs.

Em Actos 2:34 notamos que passados mil anos depois de David ter morrido, Pedro diz: «David não subiu ao Céu.» O facto de que David não tenha subido ao Céu mil anos depois de ter morrido mostra que os justos não vão para o Céu quando morrem.

Quando esperava David ir para o Céu? Êle no-lo diz em Salmos 17:15: «Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça; satisfazer-me-ei da tua semelhança quando acordar». Quando morresse êle esperava ir para a sepultura, mas esperava também no último dia quando o Senhor o ressuscitasse êle acordaria na semelhança de Cristo.

Quando irão os justos para o Céu? Em S. João 14:3 o próprio Cristo declara que os justos irão para o Céu quando Êle voltar. O propósito principal da Sua vinda é levar os Seus filhos para o lar celeste. Paulo declara esta mesma verdade em I Tessal. 4:16,17.

Tôda a vida depois da morte, depende da ressurreição, em I Cor. 15:16-18 diz S. Paulo: «Se os mor-

OS MORTOS ?

Para o Céu ? Para o Inferno ?
Para o Purgatório ?

Por JOHN L. SHULER

tos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permanecéis em vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos.»

Notai que êle falava da boa gente que tinha morrido como tendo «dormido em Cristo». Assim declara que se não há ressurreição, tôda a boa gente que tem morrido em todos os tempos, está perdida. Se tôdas as pessoas boas fôsem para o Céu quando morrem, como poderiam elas estar perdidas, mesmo quando não houvesse ressurreição ? Podeis pois ver que o apóstolo não acreditava nem ensinava, que os justos iriam para o Céu imediatamente após a morte.

Esta teoria de que as pessoas vão para o inferno ou para o Céu depois da morte é contrária a quatro das maiores verdades das Santas Escrituras. A Bíblia ensina que haverá um Dia de Juízo no fim dos tempos, em que todos serão julgados. Se os mortos foram para o fogo do inferno depois da morte e da mesma maneira os justos foram para o Céu, que absurdo não seria trazer os ímpios do inferno onde estiveram a tostar durante centenas e milhares de anos, a fazer um julgamento no último dia para ver se êles deviam ir para o inferno : ou tirar os justos do Céu e julgá los para ver se deviam ou não ir para o Céu ! Até os homens fariam melhor, quanto mais Deus ! Não podemos acreditar que um Deus de justiça pudesse conduzir as coisas dessa maneira. Isto mostra que a idéia das pessoas irem para o Céu ou para o inferno depois da morte é contrária à doutrina bíblica do julgamento final.

A Bíblia ensina que haverá uma ressurreição quer dos justos quer dos injustos. Se os bons vão para o Céu quando morrem, que necessidade têm de ressuscitar no dia do juízo ?

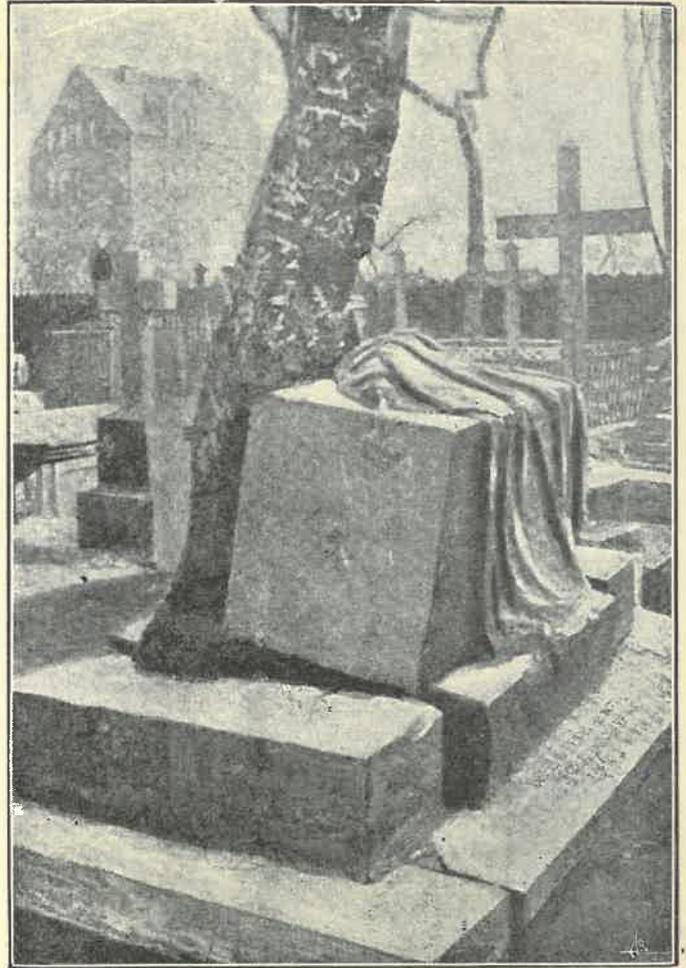
A Bíblia ensina que os justos irão para o Céu quando da segunda vinda de Cristo. Isto está de acôrdo

com a promessa do próprio Cristo em S. João 14:2,3. Mas se êles já estão no Céu porque para lá foram quando morreram, como é que se compreende que Jesus deixa o Céu para voltar à Terra buscar os Seus escolhidos ?

A Bíblia ensina que a recompensa será dada na segunda vinda de Cristo. S. Mateus 16:27 diz que quando Êle vier na Sua glória, recompensará cada um segundo as suas obras. Se cada um vai receber a sua recompensa após a morte, para que é que Jesus vem segunda vez recompensar cada um segundo as suas obras ?

Podeis ver como esta teoria da ida para o Céu ou para o inferno depois da morte é contrária à doutrina bíblica do juízo, da recompensa que Jesus Cristo trará por ocasião da Sua segunda vinda, da ida dos justos para o Céu quando Jesus voltar, e à doutrina da ressurreição. Podeis aceitar uma teoria que contradiz quatro das maiores doutrinas da Bíblia ? Por outro lado, a verdade bíblica sôbre o estado de inconsciência dos mortos, harmoniza-se perfeitamente com estas quatro verdades cardinais das Escrituras.

Desejaria fazer uma outra importante pergunta, e deixar a Bíblia dar a resposta. Haverá alguma parte inteligente do homem que lhe sobreviva depois da morte antes da ressurreição ? Em Salmos 146:4, lemos : «Sai-lhes o espírito e êles tornam-se em sua terra : naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos. «Notai como isto é bem definido. David está falando sôbre a morte do homem, declara que o seu espírito



Um túmulo no cemitério de Hannover (Alemanha), rasgado por uma árvore, símbolo da vida

(gr. pneuma (N. T.)) o abandona, o homem volta para o pó, e nesse mesmo dia os seus pensamentos perecem. Esta expressão na língua hebraica inclui a «faculdade de pensar». Mostra que não existe coisa semelhante a uma alma sobrevivendo depois da morte como uma entidade consciente. Essa alma não voltará a viver antes da ressurreição.

Genesis 2:7 mostra-nos que foi a união do fôlego ou espírito (gr. pneuma) de vida com o corpo que tornou o homem uma alma vivente. Ora se o homem é uma alma vivente quando tem o fôlego ou espírito de vida, passa a ser uma alma morta quando êsse fôlego ou espírito de vida o abandona com a morte.

A alma pode apenas funcionar quando a consciência é mantida no corpo. Se um homem recebe uma pancada na cabeça, isso torna-o inconsciente, de tal maneira que o homem nada sabe do que se passa até que acorde dessa inconsciência. A alma não pode manter uma existência consciente à parte do corpo quando a consciência deixou o corpo com a morte. (Continua na pág. 16)

Chegados, portanto, à simples fórmula

$$m = \frac{E}{\omega^2}$$

mais simples de escrever do que de deduzir, precisamos de ouvir as interpretações de cientistas actuais:

«Qualquer forma de energia — diz o prof. Coutinho Braga, da Faculdade de Engenharia do Porto — possui uma certa inércia; a massa m de uma dada energia E é-nos dada pelo cociente de E pelo quadrado «ómega» a velocidade da luz; $E = m \cdot \omega^2$. Um corpo que irradia ou absorve energia — calor, luz, etc. — sofre uma perda ou aumenta de massa igual ao cociente da energia irradiada ou absorvida pelo quadrado da velocidade da luz» (*Noções Fundamentais da Física Atômica e Nuclear*).

Esta fórmula dá-nos idéias sôbre a energia acumulada em um grama de matéria de qualquer espécie:

$E = m \cdot \omega^2$. $E = 1 \text{ gr} \times 9.10^{20}$ ergos = 20 000 biliões de pequenas calorías, aproximadamente = quantidade de calor necessária para aquecer 200.000 T de água de 0° a 100° .

Esta fórmula escrita de outro modo:

$$d_m = \frac{dE}{\omega^2}$$

diz-se que «a cada acréscimo infinitamente pequeno de energia corresponde um acréscimo infinitamente pequeno de massa».

Será possível tamanha identidade entre massa e energia que se correspondam desta forma?

Alguns factos interessantes

1.º De facto, os químicos há muito que vinham anotando desvios experimentais nas aplicações das leis da química. Atribuíam tais desvios insignificantes aos erros do observador. Assim, por exemplo, 16 grs de Oxigénio combinado com 2 grs de Hidrogénio não davam precisamente 18 grs de água como seria de prever. Perdiain-se umas três milionésimas de miligrama! As igualdades das reacções químicas só podem manter-se se entrarmos em consideração com a energia consumida ou libertada. Daí a tendência dos tratadistas em substituir as igualdades químicas por setas. A lei de Lavoisier passou a ser uma lei de veracidade relativa para os assuntos de ordem prática. Já não serve para demonstrar a eternidade da matéria, do mundo, do universo.

¿ DEUS OU

2.º Também há bastante tempo que se verificava para os pesos atômicos dos elementos, números decimais. Tiveram de pôr de lado a idéia de se tratar de erros fortuitos. Êsses dados resultavam dos fenómenos químicos endotérmicos ou exotérmicos.

3.º Da fórmula atrás escrita tira-se que a energia é pesada e inerte e que, a cada absorpção de energia de um ergo, a massa do sistema tem de aumentar $\frac{1}{9.10^{20}}$ do grama.

Tôda a perda de energia dum ergo equivale à diminuição de igual quantidade de massa. Quando numa reacção química se libertam x ergos, dentro de um balão, por exemplo, a matéria tem de pesar, depois da reacção, menos x vezes $\frac{1}{9.10^{20}}$ do grama. Tudo se passa como se os núcleos e os electrões tivessem ficado dentro do balão, mas noutro arranjo em que é mais fácil o movimento e, conseqüentemente, é menor o pêso.

Certos fenómenos celestes encontram nesta explicação a sua razão de ser. Por exemplo, a origem do calor solar. Pensemos por instantes na colossal quantidade de energia dispendida, durante milénios, e sem que para tal dispêndio haja a compensação apreciada. Basta lembrar que a nossa Terra recebe por minuto e por centímetro quadrado, duas pequenas calorías, em média. Partindo dêste dado pode-se calcular aproximadamente o calor dispendido pelo Sol em cada minuto: qualquer coisa como 4×10^3 calorías (experimente o leitor, só por graça, escrever o número e lê-lo).

A massa do Sol está avaliada em 2×10^{33} gramas. Portanto, em média, cada grama de substância solar expede para o espaço duas pequenas calorías. Pensemos agora no número de anos que possa ter o Sol, durante os quais, tal perda de calor se tem mantido constante, *sem diminuição de massa* e logo seremos levados a perguntar: onde vai o Sol buscar essa energia dispendida? Qualquer coisa de chocante se passa. Até aqui sabíamos que a perda de energia equivalia a um gasto da matéria mas agora temos diante dos nossos olhos um fenómeno a negar êsse facto.

Não explica nada, dizer que são

as combustões dos gases quem mantém essa constante energia solar. Por A. D.

Admitindo mesmo que tôda a massa solar se podia transformar em gás que, ardendo, desse o calor solar, já há muito que o Sol teria desaparecido. Há quem tenha feito os cálculos e afirme que, se a massa do Sol fôsse só C. ou O., só teria o Sol 12.000 anos de vida.

Pois bem, a explicação de atmosferas leves que se transformam em atmosferas pesadas com emissão de energia, dá conta do fenómeno. Suponhamos

CONTINUAÇÃO DO

que os atmosferas de H se condensavam em atmosferas mais pesadas até chegar ao C ou O e assim sucessivamente até aos elementos mais pesados nossos conhecidos. Cada grama de H que se condensasse tinha uma perda material de 7,7 miligramas que se transformariam em energia radiante. Pelo que atrás fica, teríamos neste caso:

$$\frac{7,7}{1.000 \times 9.10^{20}} \text{ ergos}$$

ou sejam 166 biliões de calorías.

Neste caso estaríamos em presença de calores muito superiores aos emitidos nas mais violentas reacções químicas do universo.

Não esquecer, porém, que estamos apenas perante uma hipótese. No mundo das experiências ao nosso alcance nada disso se dá. A única coisa certa é a evolução da matéria a partir dos elementos mais pesados para os mais leves, como já dissemos num dos artigos anteriores. A matéria conhecida segue o ciclo da desintegração, decrepitude e morte. Chegados ao termo da sua desagregação máxima, é natural que os atmosferas entreguem ao grande universo as suas partículas constituintes ou a sua energia, como qualquer ser vivo entrega a sua energia e corpo à decomposição inexorável das forças químicas. E esta decomposição do edifício atômico e conseqüente entrega de energia é motivo das mais ambiciosas tentativas dos experimentadores. Se pudessem por processos artificiais e à sua vontade desintegrar os atmosferas obteriam soma

MATÉRIA?

Gomes colossal de energia! Só a desintegração de 1 grama de rádio, daria origem a 3 bilhões de calorías!

A luz pesada

Mas se de facto existe uma relação íntima entre a energia e massa, então deveríamos poder determinar experimentalmente, sobre as diversas modalidades de energia conhecida, as mesmas acções que a gravidade exerce sobre a massa, isto é,

ÚMERO ANTERIOR

determinar o pêso de uma certa quantidade de energia. Os experimentalistas colocaram-se ao trabalho e fizeram interessantes experiências sobre a luz. Quiseram ver se a luz era pesada.

Se a luz fôsse pesada, deveria cair como qualquer grave, quando entrasse no campo das atracções gravíticas, passando por qualquer corpo, como a Terra ou o Sol, etc. Um raio de luz atravessando, por exemplo, a nossa atmosfera terrestre deveria cair para o centro da Terra com um movimento cuja fórmula do espaço seria, como todos sabem:

$$e = 1/2 . g . t^2$$

Não seria muito fácil apanhar êste desvio porque a luz percorre 309.000 Km aproximadamente por segundo e, quando se fôsse a medir, ao fim do primeiro segundo, o desvio de 4,9 m já o raio luminoso ia na Lua. Recorreram então às atracções do Sol que são 27 vezes maiores do que as atracções da Terra e, nestas condições, um corpo percorrerá ali 137 m por segundo, em queda livre. Além disso, como o volume do Sol é muito maior do que o da Terra, a luz leva mais tempo a atravessar o seu campo gravítico.

O cálculo demonstrou que um raio luminoso saído de longínqua estrêla e rasando a superfície solar deveria desviar-se, aos olhos de um observador terrestre, de um ângulo igual a 1,7 de segundo.

Em 1919, obtidas determinadas condições estelares, fizeram-se

duas expedições, uma à Ilha do Príncipe e outra a Sobral, no Brasil, para medirem o desvio luminoso de determinada estrêla. A expedição do Príncipe falhou porque naquela noite o céu da ilha estava coberto de nuvens. Mas, as conclusões da expedição ao Brasil, vieram confirmar o desvio de 1,7 de segundo! Depois disso, experiências laboratoriais simples vieram reforçar as conclusões astronómicas. Numa atmosfera, por exemplo, carregada de poeiras verifica-se um desvio nas partículas de poeira, ao receberem um raio solar, como se tivessem recebido o choque de um corpo pesado.

Destas experiências conclui-se que se pode falar de um kg-luz como quem fala de um kg-queijo. Calculou-se que o pêso de luz, diariamente recebido do Sol, é de 160 T. Se pudéssemos arranjar uma Companhia assaz generosa que fornecesse luz ao preço de 10 centavos o kw-hora, 1 kg-luz custaria a bonita soma de 2.500.000 contos e por aqui se pode ver quantos kw são precisos para fazer um kg-luz.

Grânulos de energia

Causou certo alvoroço a descoberta dos *quanta* de energia ou grânulos de energia. Que são os *quanta*? Assim como os corpos, seja qual fôr o seu estado natural, são formados por corpúsculos materiais e como não se pode encontrar nenhuma espécie de matéria de tamanho inferior a um electrão, assim também a energia só se pode transmitir num mínimo certo e determinado — o *quantum de energia* — ou nos seus múltiplos. A energia não varia de maneira contínua, por graus insensíveis, mas bruscamente, por saltos, por *quanta*. Há um mínimo de energia a ser absorvido ou emitido. Qualquer fonte de energia, por exemplo, um foco luminoso, emite para o espaço uma espécie de *grânulos de energia* que se propagam indivisíveis quais grânulos ínfimos de matéria. Desta forma, voltam os físicos a considerar possível, em certos casos, a teoria corpuscular da luz apresentada por Newton, ou pelo menos, análoga à daquele cientista.

Enfim mais uma descoberta que alicerça com firmeza a união íntima da matéria com a energia.

Conclusões dêstes factos

Atribuída massa à energia luminosa é de justiça atribuí-la a tôdas as outras formas de energia. Mais uma vez ficava vincada no espírito humano que a massa é um aspecto da energia. A energia total de um corpo é igual à sua energia cinética mais a sua energia-massa. Não são hipóteses; é experiência pura.

«A matéria e a energia não são princípios de essência diferente. E matéria é energia sob o aspecto muito condensado e dotado de estrutura particular; a sua massa, muito tempo considerada como atributo exclusivo, é uma propriedade de energia. A matéria não tem outra inércia além da inerente à energia que ela representa. O princípio da conservação da massa é um aspecto do princípio da conservação da energia. A energia materializa-se; ela não é, como muito tempo se pensou um estado particular da matéria ou dos fluidos imponderáveis. Para explicar a sua localização fora da matéria, a hipótese do éter cessou de ser indispensável. A energia pode ter existência própria e ser uma realidade independente. Ela reveste essencialmente dois aspectos: num estado de extrema condensação ela forma electrões e, conseqüentemente, matéria; quando se propaga no espaço, em ondas sucessivas, ela constitui a energia radiante». (*Mat. et at.* de A. Berthou, p. 104).

Ora sendo a energia degradável, em tôdas as suas modalidades, forçados somos a concluir que também a matéria, a sua forma condensada, tem de ser degradável e, conseqüentemente, destrutível. De facto prova-se experimentalmente, a transformação de tôdas as formas de energia, na energia calorífica. Noutras palavras, tôdas as energias conhecidas evoluem até chegar ao calor. Tôdas as energias universais seguem a sua viagem até se tornarem em calor. Todo o universo se transformará em calor. Quando chegarmos a essa modalidade ainda pode haver sinais de vida, na passagem de energia calorífera dos pontos de temperatura elevada para os de baixa temperatura. Mas chegará o momento em que se estabelece o equilíbrio térmico e tudo ficará quieto e silencioso: tudo desaparece.

Mas a matéria manifesta tendências de desagregação e é uma forma de energia. Conseqüentemente, a matéria tende para o nirvana absoluto. Uma porção de matéria repre-

senta certa quantidade de energia na qual se transformará, mas a energia não é reversível totalmente em matéria, nem as formas mais degradadas de energia se podem transformar nas menos degradadas. Perante esta irreversibilidade da energia é cientificamente exacto declarar que a matéria é destrutível.

Relembremos as célebres frases de Gustavo Le Bon :

«Há quarenta anos teria sido impossível escrever sobre o assunto por nós abordado, agora, uma só linha deduzida de uma observação científica e poderíamos pensar que espessas trevas envolveriam sempre a história da origem e desenvolvimento dos atomos. Como supor, aliás, que eles podiam evolucionar? Não se admitia universalmente que eles eram indestrutíveis? Tudo mudava no mundo, tudo era efêmero; os seres sucediam-se revestindo formas sempre novas: os astros acabavam por se apagar; só o atomo não sofria a acção do tempo e parecia eterno. A doutrina da sua imutabilidade reinava há dois mil anos e nada permitia supor que pudesse algum dia ser abalada. Acabamos de expor as experiências que arruinaram esta antiga crença. Sabemos agora que a matéria se desvanece lentamente e, por consequência, não está destinada a durar sempre... O atomo e, conseqüentemente, a matéria não escapam a esta lei soberana que faz nascer, crescer e perecer os seres que nos cercam e os astros inumeráveis de que está povoado o firmamento... Quando tiverem irradiado toda a sua energia sob a forma de radiações luminosas, caloríficas e outras, voltarão, em virtude de radiações consecutivas, à sua dissociação, ao éter primitivo donde vieram. Este último representa, pois, o nirvana final, no qual terminam todas as coisas depois de uma existência mais ou menos efêmera.» (*L'Évolution de la Matière*, edição 1906).

Outro cientista francês dos nossos dias, E. Perrier, dizia também :

«Contrariamente a uma crença que parecia definitiva, o estudo do rádio demonstrou que a matéria nem é eterna nem imutável.» (*La Terre avant l'Histoire*, pág. 2).

E nós deveremos concluir dizendo:

Se a matéria não é eterna nem imutável, como atrás fica cientificamente provado, não pode ser ela o Ser Necessário, Eterno e Imutável cuja existência é necessária

Alguns parágrafos de uma notável carta a um extremista

(Conclusão da página 2)

salvar todos quantos nEle confiarem para salvação. Ele vê os erros que necessitam ser corrigidos, os males que carecem ser remediados. Ele veio procurar e salvar o que se perdera. Ele disse: «Aquêle que vem a mim de maneira nenhuma o deitarei fora».

«Satanás está trabalhando de muitas maneiras para que cada homem que deve prègar a Mensagem, tenha a sua mente ocupada com teorias tão lindamente desenhadas que lhe pareçam de tal magnitude e importância que encham toda a sua mente; e enquanto pensam que estão fazendo admiráveis experiências, estão apenas a idolatrar umas poucas de idéias e a sua influência é muito prejudicada e pouca coisa faz em favor do Senhor.

«Façam todos os ministros um esforço sincero para compreender o que é a mente de Cristo. A menos que a vossa mente se torne mais equilibrada com respeito a algumas coisas, a maneira como procede há de levá-lo a separar-se da Obra e nem sequer saberá por que razão tropeçou. Avançará idéias que melhor lhe fôra nunca a ter originado. Há muitos que tiram da Palavra de Deus e também dos Testemunhos parágrafos destacados ou frases que podem ser interpretadas à conveniência de suas idéias e, baseadas nelas, firmam-se nas suas posições, quando Deus os não conduz por tais caminhos. Aqui está o perigo. O Irmão pode tirar passagens dos Testemunhos que falam do fim da provação, do tempo de crise entre o povo de Deus e pode começar a falar de uma saída que se deva dar de um povo mais puro e mais santo para fora da Igreja. Tudo isso agrada apenas ao inimigo. Nós nunca deveríamos tomar, sem necessidade, uma atitude que causa diferenças e dissensões. Nunca devíamos dar a impressão de que se as nossas idéias particulares não forem seguidas é porque os ministros não têm compreensão nem fé e estão caminhando nas trevas.

«Se muitos aceitassem as vossas maneiras de ver e falassem e agissem de harmonia com elas, veríamos um

para explicar a existência dessa mesma matéria. Temos de subir mais alto do que a simples matéria ou energia para explicar logicamente a existência do universo. Temos de manter no nosso espírito a idéia de Deus. Iniciámos o nosso problema perguntando: Deus ou Matéria? E terminamos respondendo: Deus e não Matéria.

dos maiores excitamentos fanáticos que jamais se viu no meio dos Adventistas do Sétimo Dia. É justamente isso que o diabo quer. Há um tempo de crise para o povo de Deus, mas nós não devemos estar sempre a falar dêle ao povo para que não venha a ter êsse tempo de crise antecipadamente. Haverá um tempo de joeiramento no povo de Deus mas não é essa a presente verdade a levar às igrejas. Os ministros não devem acarinhar o pensamento que têm algumas admiráveis idéias avançadas, e que, a não ser que todos as aceitem, serão joeirados do povo de Deus e dêle sairá outro povo para avançar e progredir até à vitória. Alguns dos que resistem aos próprios princípios da mensagem divina, para esta época, apresentam justamente as mesmas razões que o Irmão. Apontam para as idéias e ensinamentos extremistas do Irmão como uma razão, para negligenciarem receber as mensagens de Deus. Alguns especulam sobre a Palavra de Deus, avançam idéias que nem por sombras servem de auxílio a eles ou à Igreja. Nos tempos presentes excitam a imaginações, mas a reacção virá, e essas nossas idéias serão um estôrvo. A Fé será confundida com imaginação, e tais vistas serão motivo de levar as mentes em direcção errada. Deixai que as afirmações claras e simples da Palavra de Deus sejam o alimento das mentes. Especular sobre idéias que não estejam ali claramente apresentadas é negócio muito perigoso.

«Não esteja sempre a falar de divisões pelo simples facto de nem todos concordarem com as idéias como elas se apresentam à sua intelligência porque não é esse o trabalho de Deus, mas do inimigo. Fale das verdades simples em que possam concordar. Fale de união; não se torne acanhado de idéias e cheio de preconceitos; deixe alargar a sua mente. Fale ao povo numa linguagem clara e cheia de esperança, sobre a maneira como pode escapar à herança da vergonha, que é a nossa porção merecida. Mas pelo amor de Deus, não apresente diante do povo, idéias que possam desanimá-lo e que pareçam fazer muito difficil o caminho do céu. Conserve essas idéias para seu uso particular.

«Alguns obreiros na causa de Deus são demasiado prontos em vociferar denúncias contra o pecador; a graça e o amor do Pai ao dar o Seu Filho para morrer pela raça pecadora foram postas atrás das costas.

«Etc., etc.

E. G. White.»

A GRANDE BABILÓNIA

Não se encontram nas Sagradas Escrituras termos mais enérgicos sôbre decadência moral do que os atribuídos à Grande Babilónia :

«A Grande Babilónia, a mãe das prostituições e abominações da terra... a mulher embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus» (Apoc. 17:5-6)

«... A Grande Babilónia... porque tôdas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição e os reis da terra se prostituíram com ela e os mercadores da terra enriqueceram com a abundância das suas delícias» (Apoc. 18:3,3) etc. etc.

Daí, um prazer doentio que muita gente, que se diz cristã, tem de chamar Babilónia a qualquer agrupamento religioso e de dizer aos crentes cristãos, que fazem outros cultos, noutros lugares diferentes da sua Igreja, que êles pertencem à Babilónia. Tal qual a gente malcriada, de pé descalço, garotio das ruas, se compraz em chamar nomes feios às pessoas que lhes são antipáticas assim alguns cristãos, infelizmente, desatam a chamar Babilónia aos seus semelhantes para não lhes chamarem os nomes feios, sujeitos ao Cód. Civ., que tal título implica. Não vêem como são deselegantes e se enxovalham num tal modo de proceder.

Que é a Babilónia ?

«O grande sinal apontado contra a Babilónia é que ela deu a beber a tôdas as nações «o vinho da ira da sua prostituição». Êste cálice de envenenamento que ela apresenta ao mundo, representa as falas doutrinais que ela aceitou como resultado da sua ilegal união com os grandes da terra. A amizade com o mundo corrompe a sua fé e, por sua vez, ela exerce uma influência corruptora sôbre o mundo com o ensino de doutrinas que são opostas às afirmações das Sagradas Escrituras» (E. G. White. G. C. 388 ed. americana).

Está muito bem definida a Babilónia; caracteriza-se pelo ensino. Não é a condição individual; não são os pecados dos crentes, por maiores que sejam, que constituem a Babilónia. É o ensino contrário às Sagradas Escrituras. Se fôsse o êrro individual, cometido contra o ensino positivo da respectiva Igreja, que caracterizasse a Babilónia, fácil será ver, através da História Sagrada,

que nunca teria havido na terra nenhuma Igreja verdadeira mas tôdas teriam sido Babilónia. Por que razão não era Babilónia a Igreja Patriarcal? Não está ela cheia de pecados, de erros e até de crimes? Porque não seria Babilónia a Igreja Israelita do deserto e dos profetas? Por acaso estaria ela no estado de santificada, sem mácula, sem ruga? Não seríamos nós levados a dizer que a Igreja Apostólica era Babilónia quando lemos das suas graves imperfeições? Mas não haverá ninguém que hesite em dizer que nenhuma dessas Igrejas era Babilónia! E, com muita razão, porque os pecados, os crimes, davam-se contra os ensinamentos expressos e claros dessas Igrejas. Nunca poderiam ser Babilónia enquanto ensinassem a Verdade.

Justamente o que faz cair a Babilónia das Confusões é o Movimento predito para os nossos dias nas seguintes claras profecias das Escrituras :

«E êste Evangelho do Reino será prêgado em todo o mundo, em testemunho a tôdas as gentes e então virá o fim» (S. Mateus 24:14)

«E vi outro anjo voar pelo meio do céu e tinha o Evangelho Eterno para o proclamara os que habitam sôbre a terra e a tôda a nação, e trību, e língua e povo.» (Apoc. 14:6)

A medida que o Evangelho Eterno, aquêle Evangelho de todos os tempos, de tôdas as Igrejas apresentadas nas Sagradas Escrituras desde Adão até S. João em Patmos, fôr ensinado em todo o país, um tecido de luz rodeará o mundo, iluminará as almas e os erros, as superstições, as credenças, os ensinamentos falhos dos homens e mulheres que não estejam em harmonia com êsse Evangelho serão varridos das almas que desejem preparar-se para o Reino Eterno. Antes de qualquer quebra material dar-se-á a queda espiritual da Babilónia perante a demonstração dos erros do seu corpo doutrinário.

Quem pertence à Babilónia?

Devem constituir a Babilónia todos aquêles que cultivem a sua particular maneira de pensar e sentir. Todos os cristãos que não procurem basear a sua fé nos ensinamentos claros das Escrituras estão em grave risco. Foi justamente o afastamento dêsses ensinamentos escritos que

constituiu o aparecimento de novas e falsas formas de cristianismo. Lá dizia S. Paulo aos Anciãos de Éfeso: «... de entre vós se levantarão homens que falarão coisas perversas para atraírem os discípulos após si.» (Actos 20:30)

E não esquecer que a condição original do «homem do pecado» é :

Opõe-se e levanta-se contra tudo o que se chama Deus ou se adora» (11 Tess. 2:4)

Podem conseqüentemente, os cristãos julgar que pertencem à pura e verdadeira Igreja que não é Babilónia e, contudo, serem membros dessa Babilónia, caso tenha para êles mais valor o ensinamento humano dõ que o ensinamento das Escrituras divinamente inspiradas. A Babilónia deve ter os seus elementos espalhados em tôdas as Igrejas cristãs, porque começou a tê-los na própria Igreja Apostólica, consoante os dizeres de S. Paulo.

Qual a atitude correcta de um bom cristão perante os elementos da Babilónia ?

Chamar «nomes» a qualquer pessoa não só revela má educação — e conseqüentemente mau cristianismo — como nada resolve. Qualquer espírito bem formado, ao ler os castigos apocalípticos a cair sôbre a Babilónia só poderá sentir pena e tristeza. A única solução ao problema é procurar elucidar, demonstrar, com tôda a lógica e apoio das Escrituras que esta ou aquela doutrina está errada. A melhor medicina a dar consiste em exaltar os verdadeiros princípios e rogar às pessoas que já os conhecem e aceitam que vivam de harmonia com êles. Deve contribuir muito, para que esta boa prática seja exercida, lembrar que os sêres humanos vivem sempre logicamente de harmonia com o que aceitem de facto como verdade. Se, por vezes, afirmam uma coisa e fazem outra ou há lapso de memória ou não estão absolutamente convencidos da veracidade do que dizem aceitar. Portanto urge esclarecer, ensinar, redarguir :

«Prega a Palavra, insta a tempo e fora de tempo, redargue, repreende, exorta, com tôda a longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina mas tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências.» (S. Paulo. 2.^a Tim. 4:2,3).

O BAPTISMO O CRI

A prgação de João Baptista agitou tda a nação judaica. Milhares de judeus reuniram-se no deserto para o ouvir proclamar: «É chegado o reino de Deus.» Mat. 3: 2. Como resultado muitos foram levados ao arrependimento e «eram *baptizados* por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados».

Chegaram notícias até Nazaré da mensagem de João, pequena cidade de Galileia, onde Jesus, compreendendo que o tempo para o início do Seu ministério público havia chegado, se juntou aos grupos de conferraneos que se dirigiam para o rio Jordão.

Ao vir Jesus requerer o seu baptismo, João reconheceu nele algo diferente de todos os outros — sacerdotes, rabis, soldados e publicanos — que vinham sendo *baptizados*. Viu uma pureza de carácter que nunca antes contemplara, e opôs-se ao pedido de Jesus, exclamando: «Eu necessito ser baptizado por ti e tu vens a mim?»

Reconheceu-se indigno de *baptizar* Aquêlê que êle sentiu ser o Messias.

Contudo, Jesus, gentilmente mas com firmeza, replicou: «Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir tda a justiça.» João acedeu então e desceu com Jesus ao Jordão em cujas águas o *baptizou*.

O relato continua: «E sendo Jesus *baptizado*, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus e

que Jesus foi baptizado. Êle era puro e não necessitava, para Si mesmo, de receber êsse rito que simbolizava a purificação do pecado. Os dirigentes e o povo em geral confessavam juntamente a sua culpa e eram baptizados, exprimindo assim o desejo de verem os seus corações e vidas purificados e limpos e obter um lugar no futuro reino do Messias. Mas Jesus fôra baptizado com diferente fim. Êle veio a êste mundo e identificou-se com a humanidade pecadora para nos mostrar o caminho a seguir o dar-nos o exemplo para que «sigamos os Seus passos» I Ped. 2: 21.

Um exemplo de Jesus neste caso, impõe-nos o dever de segui-lo. Não pode existir dúvida alguma sôbre o valor da ordenança do baptismo quando o próprio Jesus seguiu êsse caminho. Mas como foi Êle baptizado? Que forma de cerimônia foi usada neste «exemplo» que Êle nos legou?

Existem diversas formas de baptismo que hoje se usam. Algumas igrejas praticam a imersão, ao passo que outras usam a aspensão. Mas Jesus foi baptizado *no* Jordão. «Também o relato nos diz que o Espírito veio sôbre Jesus quando *saiu* da água, sendo assim fora de dúvida que se *saiu* é porque primeiramente nela *entrara*».

Em S. João 3: 23 lê-se: «João baptizou também em Enon, junto de Salim, porque havia ali muitas

Será necessária tal ce

Que

Por FRANCIS

escolher-se um lugar onde houvesse muitas águas, no caso do baptismo ser feito por aspensão.

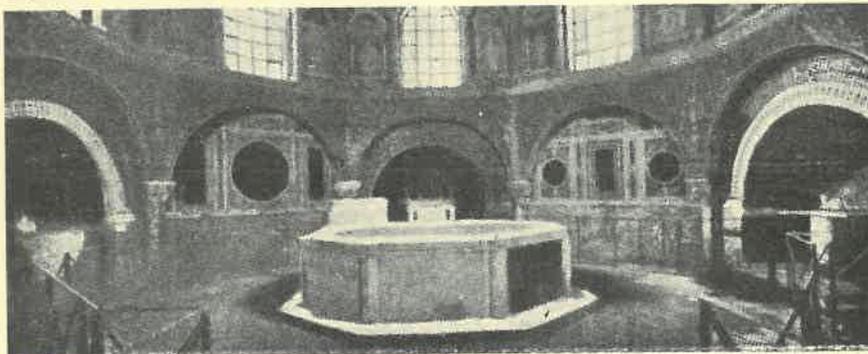
O termo baptizar é derivado do grego *batizo*, e no léxico é invariavelmente definido como: mergulhar, submergir. Existem oito palavras no grego do Novo Testamento para descrever a aplicação de líquidos. É significativo o facto de no relato do baptismo pela água somente a expressão mergulhar, submergir, se empregue existindo tão grande número de palavras para definir a aspensão.

Nos tempos do Novo Testamento aquela era uma palavra familiar, compreendida por todos os letrados e de uso comum. Os apóstolos de Cristo compreendiam-na. A sua prática na Igreja primitiva estava de acôrdo com a ordem do Mestre: «Ide e ensinais tda as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.» Mateus 28: 19.

No dia do Pentecostes, início do ministério público dos apóstolos, Êles começaram cumprindo a ordem do Senhor prgando a palavra com poder. Muitos dos que ouviram «compungiram-se em seus corações e perguntavam a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos? E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos e cada um de vós seja baptizado no nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.» Act. 2: 37,38.

Como resultado três mil almas foram baptizadas e Jerusalém deve ter sido grandemente emocionada ao serem os seus lagos invadidos pela multidão de *candidatos* ao baptismo.

Logo que a primitiva Igreja se formou, os crentes «iam por tda a parte prgando a palavra.» Encontramos nos *Actos* a descrição da ida de Felipe, o evangelista, a Samaria para ali prgar as coisas



Nas igrejas seculares das velhas cidades do tempo dos romanos, encontravam-se os baptistérios em forma de tanques onde os cristãos eram «mergulhados» no baptismo.

viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sôbre Êle.» Mat. 3: 16.

Não foi como confissão de pecado ou em Seu próprio benefício,

águas. E vinham ali e eram baptizados.» Êste versículo torna claro que o baptismo bíblico se efectuava onde não havia escassez de água. Certamente seria incompreensível

STÃO

rimónia?

simboliza?

A. S O P E R

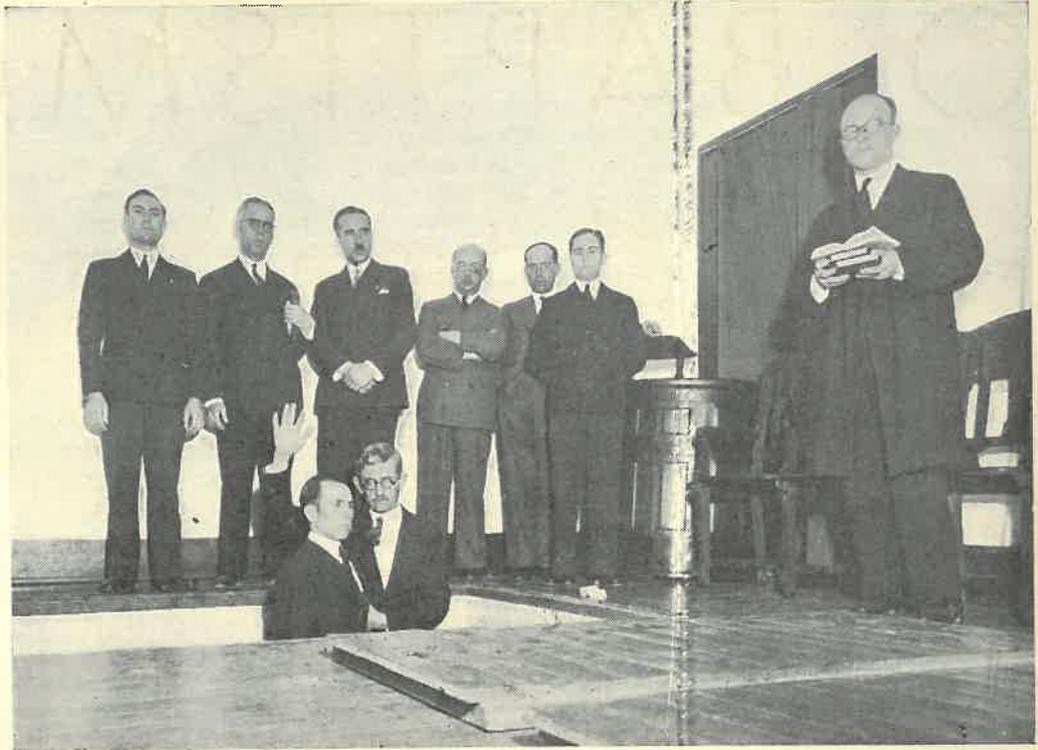
concernentes ao reino de Deus. Ao ouvirem o Evangelho apoderava-se de muitos a convicção de pecado e, quando aceitavam a fé, eram baptizados tanto homens como mulheres (Act. 8:4,12). Não faziam excepção alguma; todos os que criam, homens e mulheres, recebiam o baptismo.

Algum tempo depois Felipe foi levado pelo Espírito à região deserta entre Jerusalém e Gaza. Aí, debaixo da direcção divina, encontrou o eunuco etíope, que regressava ao seu país, depois de ter estado em Jerusalém aonde viera para adoração. Como Felipe explicou as profecias do Velho Testamento concernentes ao Messias e testemunhou do seu cumprimento em Jesus, o etíope profundamente impressionado pediu o baptismo. «E indo êles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja baptizado?»

O relato continua: «E disse Felipe: É lícito se crês de todo o coração. E, respondendo êle, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. E mandou parar o carro, e *desceram ambos à água*, tanto Felipe como o eunuco, e o baptizou. E, quando *satram* da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Felipe e não viu mais o eunuco; e jubilo continuo o seu caminho.» Act. 2:36-39.

Não existe possibilidade de dúvida quanto à forma de baptismo ministrado nesta ocasião. Se tivesse sido por aspersão, seria pouco razoável que Felipe e o eunuco «descessem ambos à água» e saíssem da água. Lembremo-nos também que êste acto foi realizado debaixo da direcção do Espírito Santo.

O ministério dos outros apóstolos segue o mesmo padrão divino usado por Felipe. É-nos dito que Pedro prégando o Evangelho pela



Cerimónia de baptismo numa Congregação Lisboeta dos nossos dias

primeira vez a um grupo de gentios, na casa de Cornélio em Cesareia, «ordenou que fôsem baptizados no nome do Senhor.» Act. 10:48.

Quando Paulo e Silas visitaram Filipos, foram metidos na prisão; mas como resultado da sua consagração a Deus e da Sua intercessão em favor dêles, converteu-se o carcereiro, clamando: «Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?» Os apóstolos replicaram: «Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa.» Então o carcereiro os tomou naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi baptizado, êle e todos os seus.» Act. 16:30-33.

Entre os muitos exemplos de baptismo dos tempos do Novo Testamento, não encontramos exemplo algum, ou qualquer mandamento, concernente ao baptismo de crianças. O senhor havia definido cuidadosamente aquêles que deviam ser baptizados. Deviam crer no Evangelho (Mat. 28:19,20), crer em Jesus Cristo (Act. 8:37), e ser convertidos (Act. 3:19). As crianças não podiam compreender ou crer as grandes verdades da salvação.

A cerimónia do baptismo representa a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. Paulo descreve-a assim: «Ou não sabeis vós que todos quantos fomos baptizados em Jesus Cristo fomos sepultados com Êle pelo baptismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim

andamos nós também em novidade de vida. Porque se fomos plantados juntamente com Êle na semelhança da Sua morte, também o seremos na da Sua ressurreição.» Rom. 6:3-5.

O baptismo é um sinal exterior duma transformação interior da vida. O homem velho morre e é sepultado, e o novo homem vive pelo poder de Deus. Paulo na sua carta aos Colossenses, diz:

«Sepultados com Êle no baptismo, n'Êle também ressuscitastes pela fé no poder de Deus que o ressuscitou dos mortos.» Col. 2:12.

Quando entramos na sepultura líquida do baptismo e somos sepultados com o Mestre, ressuscitamos para «andar em novidade de vida». Tornamo-nos novas criaturas em Cristo Jesus, sendo de novo nascidos. O pecado é lançado fora e nós herdamos o nome e todos os privilégios da família divina. Jesus torna-se o nosso irmão mais velho e não somos já «estrangeiros, ou forasteiros, mas concidadãos dos santos e da família de Deus.» Efes. 2:19.

Jesus ordena-nos hoje que sejamos baptizados «em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo,» para sermos adoptados na família dos santos que com Êle viverão durante tôda a eternidade. A sua amorosa ordem vem até nós como a recebeu Paulo por intermédio de Ananias: «E agora porque te deténs? Levanta-te, e baptiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor.» Act. 22:16.

Culto de Deus

«Devemos um culto a Deus; é tão necessário como a religião porque esta consiste no culto de Deus. Este culto deve ser interior; toda a homenagem a Deus, que não parta do

rança e pela caridade como sendo o único que pode fazer a nossa felicidade pela comunicação do bem infinita que é Ele — A mesma Igreja ensina que todo o culto religioso deve terminar em Deus, como no seu fim necessário; e se a honra

Ecuménico e o de Latrão de 649 : «Se alguém disser que adora Jesus Cristo nas duas naturezas e admitir duas espécies de adoração, uma para Deus-Verbo e outra para o homem, tomado em separado; ou se, confundindo a humanidade com a

OS DIVERSOS CULTOS

fundo do coração, é apenas um insulto: «O Senhor é espírito e é preciso que aqueles que O adoram O adorem em espírito e verdade.» (S. João 4:24). Mas não basta este culto; embora o culto exterior e culto público tirem todo o seu valor dos sentimentos interiores, embora as mais pomposas solenidades e as festas mais brilhantes só sejam agradáveis a Deus quando acompanhadas das homenagens do espírito e do coração, a verdade é que o culto exterior e o culto público derivam naturalmente, o primeiro da constituição do homem e o segundo das suas relações sociais e estes dois cultos ou duas maneiras de honrar Deus fazem necessariamente parte da religião, como aliás se prova pela experiência de todos os tempos e a prática de todos os povos antigos e modernos.» (Teologia Dogmática Vol. I p. 255)

prestada à santa Virgem e aos santos pode ser chamada religiosa é porque se dedica necessariamente a Deus. Para as imagens, o Concílio de Trento proíbe expressamente

divindade, adora Jesus como se fôsse uma só essência ou uma só natureza, em vez de adorar, por adoração única, Deus o Verbo incarnado conjuntamente com a natureza humana, segundo o que foi transmitido desde o início à Santa Igreja de Deus — seja anátema». Certamente S. Paulo falava do ho-

NA IGREJA CATÓLICA

Por **CARDIAL GOUSSET**

atribuir-lhes qualquer divindade ou virtude pela qual devamos reverenciá-las, pedir-lhes qualquer graça e depositar nelas qualquer confiança; deseja ela que toda a honra seja atribuída aos originais que elas representam. Assim, para falar com precisão e em termos eclesiásticos, quando prestamos honra à imagem de um apóstolo ou de um mártir, a nossa intenção é menos a de honrar a imagem e mais a de honrar o Apóstolo ou o Mártir em presença da imagem. O mesmo se deve perceber quanto às honras prestadas às relíquias, a exemplo dos primeiros séculos da Igreja.

É dogma católico que se deve adorar Jesus Cristo, como Deus e como homem: como Deus, porque é Deus e a adoração é o culto devido a Deus; como homem, porque em virtude da união hipostática não pode ser adorado como homem sem ser adorado como Deus e esta adoração dirige-se à própria pessoa do Verbo feito carne. Não se distingue, em Jesus, um culto para a natureza divina e outro para a natureza humana porque as duas naturezas formam um só e a mesma pessoa divina, à qual se destina o culto que prestamos a Jesus. Por isso, quando dissermos que se deve adorar a Sua humanidade, não a separamos do Verbo, como não separamos o Verbo da humanidade de que se revestiu. Como disse o 5.º Concílio

mem-Deus e de Jesus Cristo como homem quando dizia:

«Humilhou-se e foi obediente até à morte e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou e Lhe deu um nome que está por cima de todo o nome para que ao nome de Jesus todo o joelho se dobre no céu, na terra e debaixo da terra e que toda a língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Pai.» (Fil. 2:8)

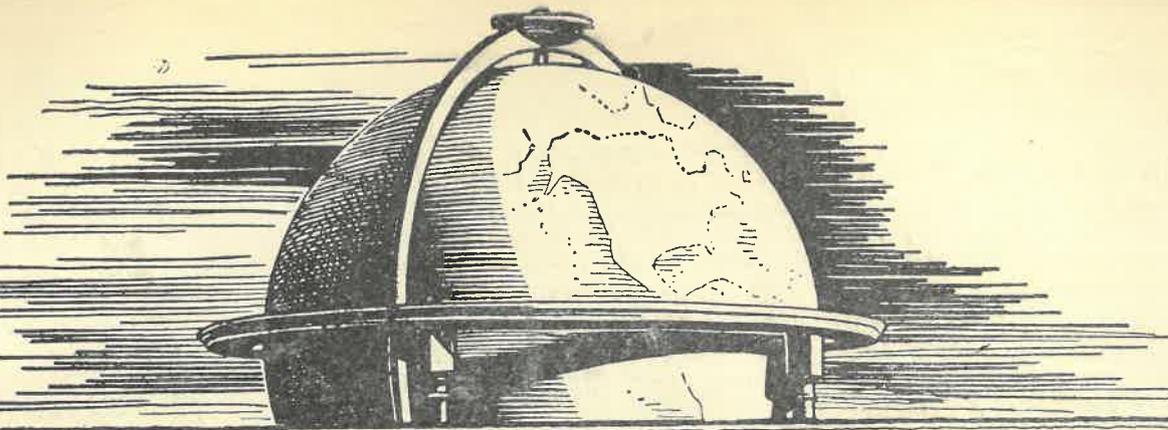
Culto dos Santos

«Nós honramos, adoramos e servimos o Rei dos reis, o Senhor dos senhores; o Soberano Senhor de todas as coisas, com o culto de *latria* culto que só convém a Deus, a quem unicamente é devida a «honra e glória para todos os séculos dos séculos» (1 Tim. 1:17). Nós honramos os anjos e os santos, mas honramos los com um culto inferior e subordinado, um culto que, sem ser puramente relativo, se concentra em Deus como fonte de todo o Bem, de toda a graça e de toda a Santidade. Nós honramos os santos mas não os adoramos se por adoração significarmos o culto supremo; não os servimos, pois servimos só a Deus; e justamente por só servirmos a Deus é que honramos os santos conforme a ordem estabelecida por Deus...»

«O Senhor disse aos Israelitas: «Vou enviar o meu anjo diante de (Continua na página 16)

Culto de Cristo

«A palavra culto exprime o testemunho de honra ou de respeito dirigido a um ser acima de nós. O culto é interior ou exterior: interior, quando não se manifesta por nenhum sinal e permanece concentrado no fundo da alma; exterior, quando se produz para fora de nós por palavras ou movimentos de corpo... O culto que rendemos a Deus como Criador e Soberano Senhor de todas as coisas, é o culto supremo que também se chama *culto de latria*; adoração propriamente dita que só convém a Deus — «Só ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás» — Pelo que respeita à adoração devida a Deus a Igreja Católica ensina que consiste principalmente em crer que Ele é o criador e Senhor de todas as coisas e nos ligar a Ele com todo o poder da nossa alma, pela fé, pela espe-



¿Cristianismo para todos?

Cristãos

comodistas

«Ir para o Céu? Está bem, não seria mau, mas desde que seja mínima a despesa de dinheiro e de energias. Muitas maçadas juntas não são para o filho de meu pai.»

É esta a maneira de pensar de muitos cristãos e com esta idéia prejudicam-se muito e põem em grave perigo a sua vida eterna.

Como não querem maçadas não desejam desenvolver os seus conhecimentos religiosos. Não frequentam pois os cursos de doutrina nem as aulas de Bíblia da sua Igreja. Vão apenas à Igreja, fora de horas, para ouvir simples prègações e ainda assim mesmo é preciso que o prègador não seja muito maçudo na sua exposição e, sobretudo, que não esteja inclinado a abordar certos problemas que já estão resolvidos no seu espírito pelo lado pior, negativo e falso.

A Comunhão representa também uma tremenda maçada para tais pessoas. Não é que custe muito engulir um pouco de vinho mosto — pois até há ministros que manifestam a sua avareza sórdida na medida como encham os cálices. O pão asmo por vezes está um tanto duro mas, mesmo assim, com boa vontade sempre se poderia roer um pouco. O pior são as preparações espirituais que uma Santa Ceia implica para não receber a maldição divina.

Aquela idéia de reconhecer as faltas cometidas, de ter de se congarçar com aquêles que lhe fizeram mal e, quantas vezes, com aquêles a quem fez mal, é uma tremenda maçada! E não estaremos muito longe da verdade dizendo que até há pessoas que se dizem

cristãs e que não fazem nenhum esforço para deixar a vida de pecado em que vão continuando os seus dias. E, no entanto, deviam lembrar-se de que Jesus instituiu a Santa Ceia justamente num momento em que os Seus discípulos mais necessitavam de paz e harmonia entre êles; instituiu-a para que cultivemos a paz com todos e com Deus; para que comemorássemos a Sua morte, por nós e por todos quantos erram e pecam mas se arrependem; para que aprendêssemos a sublime virtude do perdão e pudéssemos assim orar conscientemente: «Perdoa-me as minhas dívidas assim como eu perdôo aos meus devedores». Por que se nós não perdoarmos aos nossos inimigos também nosso Pai não nos perdoará a nós e, se não nos perdoar, não teremos um lugar no Seu reino ainda que digamos que somos cristãos.

Rezar? Particularmente não encontram tempo para isso. Ou têm muito que fazer — o que não é mau de todo, pois enquanto trabalham não pensam em folices — ou sentem muito mais prazer em falar criticamente do próximo. Ainda assim, podiam tirar grande proveito espiritual assistindo às reuniões de prece da sua Igreja. Ali iriam encontrar muitas pessoas mais atarefadas na vida ou mais preocupadas, morando muito mais longe mas que souberam extrair daquela hora de prece a consolação e o alento de que carecem para o resto da semana e tudo isso poderia certamente constituir um estímulo espiritual dos mais valiosos.

Ou não tivesse dito aquêlé Mestre que não erra: «Orai sempre sem desfalecer.» (S. Lucas, 18: 1).

Não é raro em cada Igreja cristã encontrarem-se membros que nunca vão às reuniões de oração mas logo que saibam que na reunião de negócios se vai tratar de um assunto pouco perfumado sôbre a vida de qualquer membro, são dos primeiros a entrar na Igreja. Se não mudarem, porém, de atitude, o seu lugar está sendo preparado, não nas mansões celestiais, mas no lago de fogo e enxôfre, junto com o diabo e seus anjos dos quais são simples joguete aqui no mundo.

Que esta assistência às reuniões de negócios da Congregação é até para desejar e louvar, quando a intenção que nos leva ali seja para encorajar aquêles que trabalharam alguma coisa para a Obra do Mestre, para tomar nota das preocupações mais graves que enfrenta a direcção e para dar o seu bom conselho ou palavras de paz quando oportuno. Por certo não faltariam se houvesse convocação para a assembléia do Banco onde depositaram os seus haveres e gostariam de tomar boa nota de tudo quanto pudesse relacionar-se com a vida dessa instituição. Mas esquecem-se de que a sua Igreja é a instituição onde devem ter depositado o que de mais rico e importante tem o homem — a sua esperança na eternidade.

Quando soar a hora de sair dêste mundo o dinheiro cá ficará, mas a Igreja Triunfante entrará no reino celestial.

E onde se manifesta mais a relutância a maçadas é na aceitação de de bom grado e no espírito de serviço de qualquer cargo humilde dentro da Igreja. Nessa altura surge a modéstia a recusar o cargo.

Para onde vão os mortos?

(Continuação da página 7)

Consideremos a pergunta: Sabem os mortos alguma coisa acerca dos seus queridos que ainda vivem na Terra? Que diz a Bíblia? Vejamos Job 14:21. Fala de um homem que morreu, e diz: «Os seus filhos estão em honra sem que êle o saiba; ou ficam minguados sem que êle o perceba. «Suponhamos um pai que tem dois filhos. Morre, e um dos filhos torna-se Presidente da República. O outro é um criminoso e vai para a Penitenciária. Um pode atingir a honra e outro cair na vergonha, mas o defunto pai nada sabe acerca disso.

Caros amigos, não será uma grande coisa que o pai não saiba o que aconteceu aos seus filhos depois que êle se foi? Não é de facto o procedimento de Deus o melhor, inegavelmente superior às teorias humanas? Se tôdas as mães que têm morrido soubessem o que às vezes acontece aos seus filhos que cá ficam, pensais que o céu poderia ser para elas um lugar de felicidade? Não! Deus faz tudo com Sabedoria. É bom que elas não saibam o que acontece por cá. Algumas, infelizmente ainda não exalaram bem o último suspiro e já os parentes começam a brigar por causa dos bens, a ver qual é que pode ficar com a melhor porção. Poderia haver Céu para quem ficasse lá do alto a contemplar tal pouca vergonha?

A Bíblia diz nos repetidamente que os mortos não sabem coisa nenhuma. Eclesiastes 9:5/ declara: «Os vivos sabem que hão-de morrer, mas os mortos, não sabem coisa nenhuma.

Algumas pessoas que foram declaradas mortas pelos médicos puderam ser trazidas à vida e viver tem-

porariamente, tendo provado a verdade do ensino da Bíblia a êste respeito. Por exemplo: Em Filadélfia, E. N., um homem esteve num hospital durante vinte anos como paciente. Finalmente morreu. Foi declarado morto por doze médicos. Estes médicos tentaram todos os meios conhecidos pela ciência médica para fazê-lo voltar à vida. Para êles não havia dúvida que estava morto. Tanto quanto êles podiam ver, êle estava morto. Duas horas depois do homem ter morrido, um outro médico, tomando uma agulha hipodérmica, injectou-lhe adrenalina no lado esquerdo do coração. Dentro de dois minutos a pele do homem tornou-se de novo macia. Ao cabo de dez minutos retomou o seu tom róseo, começou a respirar como alguém que desperta de um sonho profundo. Preguntáram-lhe: «Como se sente?» Respondeu: «Muito bem.» «Teve algum sonho?» «Não.» «Teve alguma sensação fora do comum?» «Não.» Pediu água. Deram-lhe água, e então êle disse: «Amanhã eu» — e passou ao grande além de onde ninguém pode ser trazido.

É conhecido o facto de algumas pessoas que têm sido trazidas à vida temporariamente por uma injeção de adrenalina. Tem-lhes sido perguntado. «Que foi que viu?» Tôdas as vezes têm respondido: «Tenho estado completamente inconsciente.» Sim. «Nesse mesmo dia parecem os seus pensamentos.» «Os vivos sabem que hão-de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma.»

A pergunta mais importante porém, é, leitor, o que será de ti? Qual será o teu destino no mundo futuro? Terás tu parte na ressurreição

cruz e O seguir» é que receberá o bom nome de Seu amigo.

E serão maçadas tudo aquilo que consideramos como tal?

Não haverá muitos prazeres espirituais escondidos no meio dela?

Vamos, pois, procurar aceitar tôdas estas «maçadas» que ficam indicadas aqui, na certeza de que Deus que as instituiu é um Pai bondoso que só deseja o bem dos Seus filhos.

da vida? Ou terás parte na ressurreição da condenação? A questão do que acontecerá connosco depende da nossa relação para com Jesus Cristo. Hebreus 5:9 diz que Cristo é «o autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem». Porque não havemos de obedecer-lhe e tornar parte na vida eterna?

Os diversos Cultos da Igreja Católica

(Continuação da página 14)

vós para que vos guarde durante o caminho e para que vos faça entrar na terra que eu vos preparei. Respeitai-o; escutai a sua voz e guardai-vos de o desprezar porque êle não vos perdoará quando tiverdes pecado. Êle vos falará em meu nome». (Êxodo 23:20). Lemos também no livro de Números (22:31) que Balaam, tendo visto o anjo do Senhor, se prostrou com o rosto em terra e o adorou». Os autores sagrados e depois dêles os escritores eclesiásticos servem-se frequentemente do verbo «adorar» para expressar o culto que se deve a Deus e também o que se deve aos anjos e aos homens. Quando empregam êsse termo a respeito de Deus significam o culto supremo devido só a Deus; quando o empregam referido aos anjos, como tais, exprime um culto inferior mas religioso, porque os anjos não têm relações civis com os homens. Quando aplicado com referência a seres humanos, então indica êste verbo «adorar» apenas uma homenagem ou culto civil. O mesmo equívoco se dá em hebraico como na versão dos Setenta ou da Vulgata. Precisamos pois atentar bem no ser que recebe a adoração para julgar se é culto civil ou religioso, culto supremo ou inferior, adoração propriamente dita e tomada a rigor — como a que é devida só a Deus — ou uma adoração imprópriamente dita, tal como a que, dirigida a seres subordinados, redundará em glória para Aquêlle que os cobriu dos Seus benefícios». (Teologia Dogmática)

Nota: Precisando pois: adorar a Deus e honrar os seres humanos que venceram as suas deficiências de forma heróica e sublime. Adorar ainda a Deus através de tôdas as comemorações das vidas ilustres dos religiosos mortos. Honrar os santificados crentes das épocas passadas a ver se, de qualquer maneira, arranjaríamos forças para lhes copiar as virtudes. Eis um ponto em que todos podem estar de acôrdo. Católicos e Protestantes deviam estudar bem êste ponto doutrinário, uns para evitar exageros sempre prejudiciais; os outros, para evitar interpretações erradas e juízos temerários.

No entanto há uma perda grave na recusa. Perda grave no amor a criar pela Causa pois nós, em geral, criamos mais amor àquilo pelo que mais nos sacrificamos. Perda grave na recompensa final porque, consoante lemos no Evangelho, as recompensas são proporcionais ao que fizermos directamente por Jesus. Pensando que nos vemos livres de maçadas estamos enterrando o nosso talento que Jesus gostaria ver a render em actividade. Não deveriam esquecer que «Quem tomar a sua